

ASSENTAMENTO NOVA CONQUISTA: O LOTE ATRAVÉS DOS CROQUIS

*Ana Lúcia Teixeira¹
Luis Antonio Barone²*

RESUMO:

A região do Pontal do Paranapanema localizada a oeste do Estado de São Paulo constitui-se numa região marcada por conflitos fundiários. Com a descoberta da invasão de terras griladas por latifundiários na região do Pontal, o MST (Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) chega a região na década de 80 organizando os trabalhadores para realizar as ocupações. O presente trabalho tem por objetivo analisar os croquis que foram elaborados a partir dos registros, realizados no diário de campo através da experiência empírica no assentamento Nova Conquista que conta com 104 lotes, dentre os quais 77 localizam-se no município de Rancharia-SP e 27 no município de Martinópolis-SP. A visita ao assentamento com o intuito de elaborar as representações ocorreu no dia 26 de Julho de 2012 (ainda no período de graduação em geografia) nos períodos matutino e vespertino, teve início às 8 horas e término às 17 horas. A amostra contém 04 representações e os croquis tem a abrangência de 50 metros a partir da moradia, o que engloba o espaço do terreiro e, em alguns casos parte do espaço de produção. É importante salientar que as denominações utilizadas na elaboração das representações obedecem ao vocabulário dos assentados. Assim, por exemplo, urucum é representado como “coloral” e os cômodos das casas ganham nos croquis nomes como “quarto do menino” etc.

PALAVRAS CHAVE: ESPAÇO DOMÉSTICO, AUTOCONSUMO, CROQUIS.

Introdução

A região do Pontal do Paranapanema localizada a oeste do Estado de São Paulo constitui-se numa região marcada por conflitos fundiários. O MST (Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) chega a região na década de 80 através da descoberta

¹Mestranda no programa de pós-graduação em geografia da FCT/UNESP.

²Sociólogo, Professor Assistente Doutor, FCT-UNESP-Presidente Prudente.

de extensas faixas de terras griladas durante o processo de ocupação do espaço geográfico do Pontal. Leite (1999) nos diz que, no “processo de ocupação de terras, então reservadas, tudo era válido: o suborno de escrivães, juízes e promotores; o compadresco político e, eventualmente, o recurso às armas de grupos de jagunços e soldo dos interessados”. A prática da grilagem foi amplamente disseminada entre os grandes proprietários da região, concentrando grandes propriedades (antes áreas de reservas).

As áreas de reservas foram devastadas, pois uma quantidade considerável de pessoas chegavam na região por volta de 1940 e 1950, as ações eram no sentido de abrir espaço para as propriedades e os novos “desbravadores” não tinham o menor pudor de invadir terras devolutas (Leite, 1999). Os grandes latifúndios atualmente nos apontam, para o fato de que os grandes proprietários foram os que mais se beneficiaram, nessa invasão de terras devolutas, visto o predomínio das fazendas na região.

O Assentamento Nova Conquista conta com 104 lotes dentre os quais 77 localizam-se no município de Rancharia-SP e 27 no município de Martinópolis-SP. A luta pela terra protagonizada pelos assentados do território em questão, nasce num conflito histórico na fazenda Jangada, localizada na cidade de Getulina-SP, num despejo violento de 2.500 famílias por 2.000 policiais. Os policiais utilizaram cavalaria, canil e dois helicópteros. Marcadas pelo despejo da fazenda Jangada um grupo de famílias desloca-se para a cidade de Rancharia e após ocupações na fazenda Faxinal, Matão e São João da Mata, conquistam seus espaços de vida e produção. (FERNANDES, 1999).

Os croquis que serão reproduzidos foram elaborados a partir dos registros, realizados no diário de campo através da experiência empírica no assentamento Nova Conquista, localizado no município de Rancharia-SP. A visita ao assentamento ocorreu no dia 26 de Julho de 2012 nos períodos matutino e vespertino, teve início às 8 horas e término às 17 horas.

A amostra contém 04 representações e os croquis tem a abrangência de 50 metros a partir da moradia, o que engloba o espaço do terreiro e, em alguns casos parte do espaço de produção. É importante salientar que as denominações utilizadas na elaboração das representações obedecem ao vocabulário dos assentados. Assim, por exemplo, urucum é representado como “coloral” e os cômodos das casas ganham nos croquis nomes como “quarto do menino” etc. Durante a visita, utilizamos como instrumento para auxiliar a elaboração das plantas das moradias de cada lote, uma trena

(fita métrica). Com ela conseguimos realizar as medições do perímetro de cada residência. As medições não se limitaram apenas ao perímetro das moradias, sendo necessárias também averiguar a distância entre a fossa e a moradia. Para investigar melhor ainda o tipo de fossa (negra, sépticaetc).

Constava, no plano do trabalho de campo, realizar medições também em relação a distância dos poços responsáveis pelo abastecimento de água de cada lote, verificando o tipo de poço (cacimba, artesino, semi-artesianoetc), averiguar, ainda, se este era responsável pelo abastecimento da moradia e do espaço de produção. Todavia, constatei nas análises de 90% dos croquis que a água para o abastecimento dos lotes verificados na amostra tinha sua origem num poço artesiano comunitário.

O espaço doméstico e o espaço de produção

O espaço doméstico e o espaço de produção são analisados nas representações. O “roçado” constitui-se na visão de Beatriz Heredia (1978) o espaço de produção, onde o trabalho masculino é predominantemente utilizado, todavia, realizamos algumas ressalvas no caso do assentamento supracitado, na medida em que evidenciamos em alguns lotes (um deles representado neste artigo) o trabalho feminino que ganha cada vez mais importância também no espaço de produção como evidencia Brandão (1999) ao analisar situações do Bairro do Preto em Joanópolis,

Todo trabalho do trato dos pastos e do cuidado do gado, ali, é essencial ou preferencialmente masculino. Cabe aos homens, vimos a sequência dos ofícios “brutos” com o gado e outros animais de grande porte (cavalos e burros). Eles o domam, os transportam, os castram, “ferram”, curam de feridas e pragas, matam e sacrificam. Mas em número muito crescente, as mulheres da casa incorporam-se à “lida do gado” nos espaços do curral e, mais ainda, do mangueiro. (BRANDÃO, 1999, p.47).

O sítio constitui-se, segundo Bombardi (2004, p.324) numa “*materialização, no sentido literal do termo, dos conhecimentos que foram adquiridos ao longo de gerações, e também daqueles que são adquiridos por meio da troca de informações com os vizinhos*”. A autora ainda nos direciona sobre a visão que os sujeitos têm da unidade territorial em tela, sendo que através de um acúmulo de conhecimentos estes

tem a noção do que é belo e do que constitui - se como um trabalho realizado com capricho e dedicação.

No que concerne às análises sobre o espaço doméstico e mais especificamente ao reassentamento de famílias ribeirinhas no Pontal do Paranapanema, Rebouças (2000) nos diz que,

No espaço doméstico, a sociabilidade esta concentrada no núcleo familiar que rege tanto as atividades do domínio roça – pasto, quanto as do domínio casa – quintal. No espaço local, a unidade social é um pouco mais abrangente, incluindo a vizinhança e as áreas comuns que circundam cada unidade doméstica, a mata, o riacho, o rio. O espaço regional já inclui elementos externos aos demais domínios, cujo acesso possibilita as experiências sociais envolvidas na vida pública dos passeios e saídas para as cidades vilarejos vizinhos. (Rebouças, 2000, p.95)

Garcia Jr. (1983), no livro intitulado *A caminho do roçado* nos direciona, para a necessidade de estudar as atividades desenvolvidas dentro da casa e as relações existentes em cada cômodo desta. Sucintamente o autor descreve que,

Nos quartos, o dormir; na *sala de janta*, o comer; na sala de visitas, o contato com o mundo exterior à família. Note – se que as atividades artesanais domésticas, como costurar, que se destinam à venda ao mundo exterior, á rede de parentesco e vizinhança, se realizam na parte “mais externa” da *casa*, a *sala de visita*. (Garcia Jr, 1983, p.173)

Sobre os indivíduos que compõem a unidade doméstica Heredia (1973) destaca que nas casas residem “*indivíduos ligados entre si por laços de parentesco: pai – mãe e filhos solteiros e, excepcionalmente agregam – se a eles o pai ou a mãe de um dos cônjuges. São estes indivíduos que compõem o grupo doméstico*” (Heredia, 1973, p.37). A casa torna – se o lugar do consumo dos produtos oriundos do roçado e também dos produtos adquiridos através da compra, pois nem tudo é produzido neste espaço.

Segundo Garcia Jr. (1983), o terreiro faz corpo com a casa e sobre este o autor nos revela que,

O terreiro é, sobretudo, o local onde certos animais são criados pela unidade doméstica: vaca, cabra, porco, peru, pato, marreco, ganso, galinha, etc. Estes animais são classificados da seguinte forma: cabra, porco e aves de pena. Criar animais é cuidar deles, sobretudo quanto à sua alimentação, tarefa basicamente feminina. Estes animais podem ser criados soltos em torno da *casa*, como presos. (Garcia Jr. 1983, p.174-175)

Ainda destacando um aspecto interessante do *terreiro*, Heredia (1973) é ainda mais ampla que o autor supracitado e nos diz que,

O terreiro dos fundos da casa está destinado fundamentalmente às aves domésticas e ao chiqueiro dos porcos; é também ali que as cabras passam a maior parte do dia. (...) Muitas vezes encontram – se neste local algumas árvores frutíferas, mas do tipo diferente das plantadas na frente da casa. Nos fundos frequentemente, estão os mamoeiros e bananeiras, enquanto na frente são plantadas mangueiras e jaqueiras, árvores que propiciam abundante sombra e possuem um ciclo de vida maior. (Heredia, 1978, p.38)

O ato de *criar os bichos de terreiro* implica em alimentá-los diariamente e esses cuidados são realizados pelas mulheres, pois estes bichos são alimentados pelo grupo doméstico e servem ao mesmo tempo de alimento para eles (Garcia Jr,1983). Assim o terreiro é considerado um espaço de tarefas executadas pela esfera feminina e pelas crianças do espaço doméstico. (Heredia,1978).

Os cultivos fundamentais para o roçado e, portanto, para o espaço de produção são na concepção de autora supracitada: a mandioca; o feijão nas suas diversas variedades: preto, mulatinho, pardo e fava; o milho. Os cultivos que segundo a autora são acrescentados aos cultivos fundamentais são: cará, abacaxi, pimentão, alface, jerimum, tomate, repolho, cenoura, cebola, melancia e melão. (Heredia,1978).

A mandioca assume um caráter de reserva, pois em detrimento de outros cultivos essa planta tem ciclo agrícola maior, chegando a dois ou mais anos agrícolas. Sobre as outras culturas, Heredia nos revela que,

Quando os produtos ainda se encontram no roçado, os pequenos produtores fazem distinção entre *verduras* e *legumes*, levando em conta suas condições de conservação. Por um lado as verduras, uma vez maduras, devem ser colhidas e seu consumo e/ ou venda deve ser imediata, enquanto que os cultivos classificados como legumes são deixados no roçado para secar e posteriormente armazenados para serem consumidos e/ ou vendidos num outro momento do processo. Sendo assim são considerados como verduras o tomate, a alface, o repolho, etc..., aos quais se somam o milho *verde* o feijão *verde* e algumas frutas com o ciclo produtivo semelhante ao das verduras, como a melancia e o melão. (Heredia, 1978, p.52)

No âmbito do espaço de produção verificamos de acordo as bibliografias consultadas, que o *roçado* adquire um caráter de maior importância em relação à casa, pois este é que provém a unidade doméstica dos produtos para o consumo, o *roçado* é

também um espaço de *trabalho* masculino em oposição as atividades domésticas que são de caráter feminino. As mulheres podem em alguns momentos auxiliar os homens no *roçado*, pois algumas atividades como plantar são destinadas a elas, mas nunca em caráter integral apenas se o homem estiver por algum motivo, impossibilitado de realizar as tarefas do roçado. (Heredia, 1978).

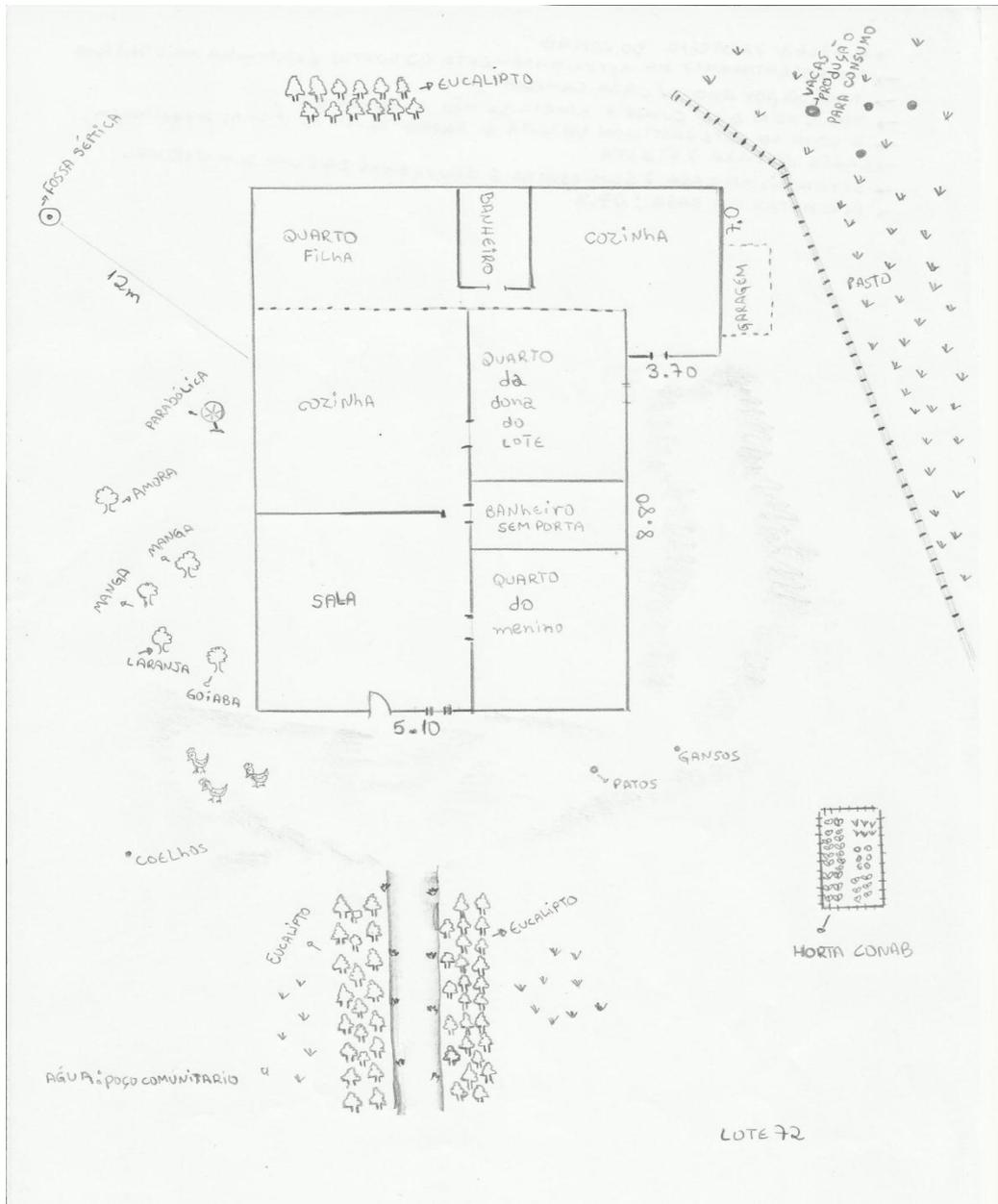
Ainda no que concerne ao espaço de produção, devemos levar em consideração no que se refere aos assentamentos rurais, o fato de que esses espaços variam de acordo com o planejamento de cada assentamento, pois quando encontramos famílias que residem numa agrovila o espaço de produção não é contíguo ao espaço doméstico (ITESP/UNIARA, 2003).

Frequentemente, encontramos nos espaços de produção dos assentamentos do Estado de São Paulo, o plantio em consórcio onde há uma cultura destinada a comercialização e outras destinadas ao autoconsumo. Um exemplo mais comum é “encontrar o cultivo de plantas de pequeno porte (abóbora, quiabo) entre as fileiras das culturas de café ou de outras espécies de maior porte”. Os produtos do roçado normalmente localizam – se em áreas mais distantes da moradia ocorrendo o mesmo com os pastos onde se desenvolve a produção leiteira. (Itesp/ Uniara, 2003,p.38).

Compreendemos a relevância dos estudos dos croquis, na medida em que é necessário averiguar em que condições em termos de saneamento básico estão os lotes do assentamento rural, compreendemos ainda, que a análise do padrão construtivo das moradias contribui para verificarmos sobre a qualidade de vida dos agricultores. Sobre a alvenaria de vedação Brosler e Bergamasco (2013) nos estudos a respeito de “construções tradicionais resguardadas no meio rural brasileiro” especificamente em assentamentos de reforma agrária, nos revelam que a mudança da moradia de madeira (por exemplo) para a moradia de alvenaria demonstra a mudança de padrão de vida dos assentados que saem de um padrão para outro de “maior status”.

Análise dos croquis

Croqui 01:



Fonte: Trabalho de campo.

No croqui 01 temos a representação de uma unidade cuja produção leiteira não é destinada a comercialização, mas exclusivamente para o autoconsumo. A visita ao lote ocorreu no período da tarde e fui recebida pela titular do lote e seu filho.

A assentada nos explicou que ela participou da luta pela terra e que nesse período, assim como no período de luta na terra, os primeiros anos de acampamento foi intenso. Ela explica o fato de que atualmente não comercializa nenhum produto, pois no seu lote residem um filho (que mora com ela) e duas filhas (cada uma tem sua moradia), sendo que as filhas produzem horta para a Conab.

A assentada demonstrou um bom humor impressionante nos elementos decorativos do terreiro, que geralmente é tarefa feminina. Além de plantar espécies de flores diversificadas, ainda decorou uma árvore (cuja espécie não foi identificada) com um cacho de banana. A senhora em questão divertia-se ao me perguntar qual bananeira seria essa que ela mostrava.

No lote, notamos a presença de árvores frutíferas como manga, laranja, goiaba e amora. Porém, o cultivo que mais nos chamou a atenção foi o de eucaliptos. Este apresenta-se em pequenas manchas, aos arredores da estrada que liga a moradia à estrada principal do assentamento. Encontramos, também, a espécie plantada no espaço de transição entre o terreiro e o pasto, nos fundos da moradia.

A unidade territorial em questão apresenta uma quantidade diversificada de *bichos de terreiro*. Além das galinhas, encontramos coelhos soltos, patos, gansos. Ela ainda nos revelou que a criação de coelhos não é para autoconsumo estes funcionam como “animais de estimação” que se reproduz com uma velocidade maior que as demais criações, mas ela não tem coragem de matar para consumir. Assim, a quantidade de coelhos no lote é significativa.

No momento de saída do lote, encontramos com uma das filhas da assentada e esta nos revelou informações sobre sua horta e o grupo de hortas do assentamento. Segundo ela, no assentamento, existem aproximadamente 12 hortas e estas existem há mais de um ano. A assentada ainda especificou as condições em que as hortaliças são comercializadas, sendo que o lucro obtido anualmente por essa atividade é de 4.000 reais e este valor só poderá ser acessado se todos os participantes cumprirem a meta estabelecida. A assentada estava a caminho da horta de outra família do assentamento e iria ajuda-los para que o serviço terminasse rapidamente. Esta prática é recorrente entre as famílias envolvidas no PAA (Programa de Aquisição de Alimentos).

A moradia principal do lote contém uma sala, cozinha, “quarto do menino”, quarto da chefe-de-família e ainda um banheiro, que chamou a atenção por não possuir porta. (Um lençol funcionava como barreira visual para manter a privacidade do cômodo). A residência é de alvenaria de vedação, com tijolo baiano, com perímetro de 27,8 metros. Não contabilizamos o “puxadinho”, construído pela filha, pois este, segundo a assentada, constitui-se numa residência que não apresenta ligações com a moradia principal.

Notamos uma característica preocupante na moradia da titular do lote, a presença de uma fissura que evidenciamos na parede frontal da residência e que vai desde a porta até o telhado. A fissura pode ser um sinal de infiltração e num caso mais grave pode até dar início a um processo de corrosão da armação da moradia. Se não forem tratadas corretamente, podem comprometer a estabilidade estrutural da residência.

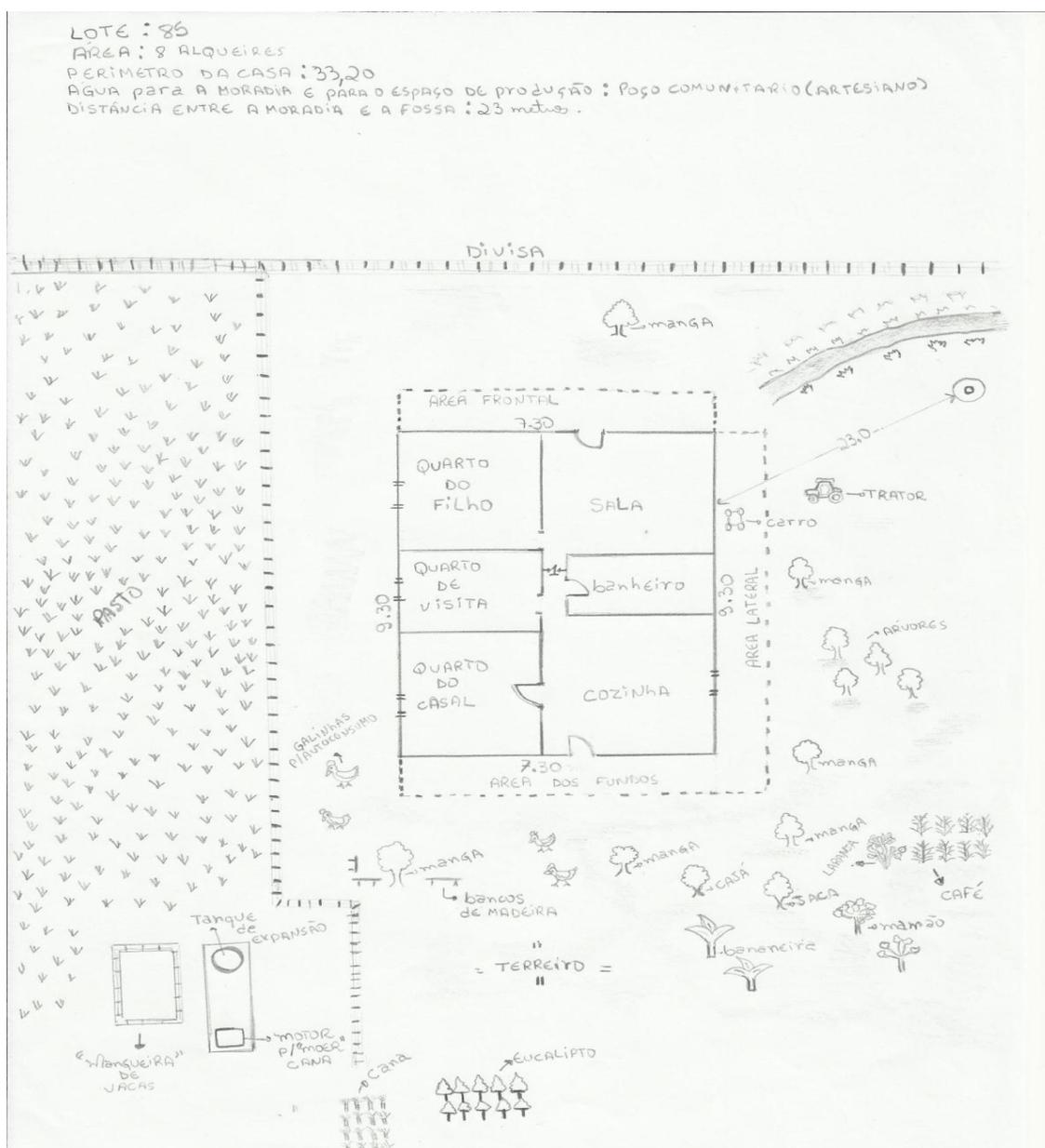
Foto 01: Fissura na moradia do lote



Fonte: Trabalho de campo

No que concerne aos aspectos sanitários do lote, verificamos que a fossa é séptica e encontra-se à 12 metros da moradia. O abastecimento de água do lote, tanto para o espaço de moradia quanto para o espaço de produção, é realizado através do poço comunitário.

Croqui 02:



Fonte: Trabalho de campo.

O croqui 02 representa o primeiro lote a ser visitado durante o trabalho de campo. A família deste lote me recebe em todos os trabalhos empíricos realizados no território em estudo. Quando chegamos ao lote, encontramos apenas o filho mais velho, que reside junto com os pais, pois os outros filhos residem e trabalham na cidade de Rancheira-SP. No momento em que chegamos, o casal estava na cidade fazendo compras e visitando a mãe da assentada e, depois de representar o lote e a moradia no croqui é que evidenciamos a volta do casal.

A unidade em estudo nos mostra um arranjo espacial nitidamente voltado para a produção de leite. O pasto limita o terreiro na medida em que este situa-se próximo a moradia. A “mangueira de vacas” ou curral localiza-se próxima ao tanque de expansão, que por sua vez, encontra-se na mesma cobertura que protege o motor para moer a cana-de-açúcar. Estes elementos situam-se num espaço de transição entre o terreiro e o espaço de produção.

Numa das conversas com a liderança do assentamento, verificamos que deste lote saem uma das maiores produções de leite do local, sendo que o produto é comercializado com um dos laticínios de Rancharia. Visualizando a organização espacial dos elementos, já poderíamos inferir tal informação, pois além do triângulo “mangueira”- Tanque de expansão - motor de moer cana, pudemos observar à pequena plantação de cana-de-açúcar, que foi plantada para complementar a alimentação dos bovinos.

Os nossos interlocutores revelaram que no lote existem mais de 30 bovinos e que dentre estes uma parte esta em lactação. A “mangueira” conta com ordenhadeira mecânica que facilita o trabalho devido à quantidade de bovinos para ordenhar. Os gastos com ração para complementar a alimentação destes também aparecem dentre as preocupações do assentado. Este afirma que, no período da seca (período em que o pasto oferece uma quantidade reduzida de gramíneas), ele chega a gastar metade de seus rendimentos com a atividade para a manutenção desta através da compra de ração.

O lote representado contém pés de frutas como bananeira, mamão, laranja, manga, jaca, cajá, que encontram-se distribuídos no entorno da moradia no terreiro. Dentre os pés de fruta, encontramos pés de café mesclando-se à árvores que fazem sombra, numa conexão entre eles. Próximo à plantação de cana, encontramos alguns pés de eucalipto plantados para fornecer madeira para a construção das cercas utilizadas para construir “piquetes” para os bezerros e para cercar o pasto no geral.

Foto 02: Plantação de pés de fruta e café



Fonte: Trabalho de campo.

No espaço do terreiro, além dos pés de frutas e de café, verificamos a criação de galinhas que, neste caso, esta voltada apenas para o autoconsumo. Os assentados revelam que havia uma horta no lote, mas que o mato tomou conta devido à rotina deles que impossibilitou um trabalho “a mais”. Esta expressão, “um trabalho a mais”, denota o quanto essa propriedade esta voltada para a produção leiteira, já que, aparentemente, deixa para segundo plano um cultivo comumente encontrado para auxiliar a produção voltada para o autoconsumo da família e integrante do PAA.

Dentre os equipamentos utilizados nas atividades no lote, além de enxada, foice e rastelo, notamos a utilização de um trator que é do próprio assentado, e foi adquirido com os recursos advindos da produção leiteira.

No que concerne aos aspectos sanitários, verificamos que a fossa é séptica (encontra-se a 23 metros da moradia). O fornecimento de água, assim como a imensa maioria da amostra analisada neste trabalho, advém do poço comunitário. Sendo assim, o assentado paga o fornecimento de água que é voltado tanto para o espaço doméstico quanto para o espaço de produção.

A planta da moradia nos revela a presença de três quartos sendo que um deles é o quarto de visita (raramente encontrado nos assentamentos), o quarto do filho e o quarto do casal; A residência ainda conta com uma cozinha, banheiro e sala, sendo a

casa rodeada por áreas e uma garagem para o carro. O perímetro da casa é de 33,20 metros sendo que temos 7,30 metros de frente e 9,30 de lateral. A moradia é de alvenaria de vedação com reboco, telhas de fibrocimento e não apresenta pintura. Notamos, nesta residência, duas portas, sendo uma da cozinha e outra da sala e três janelas de alumínio.

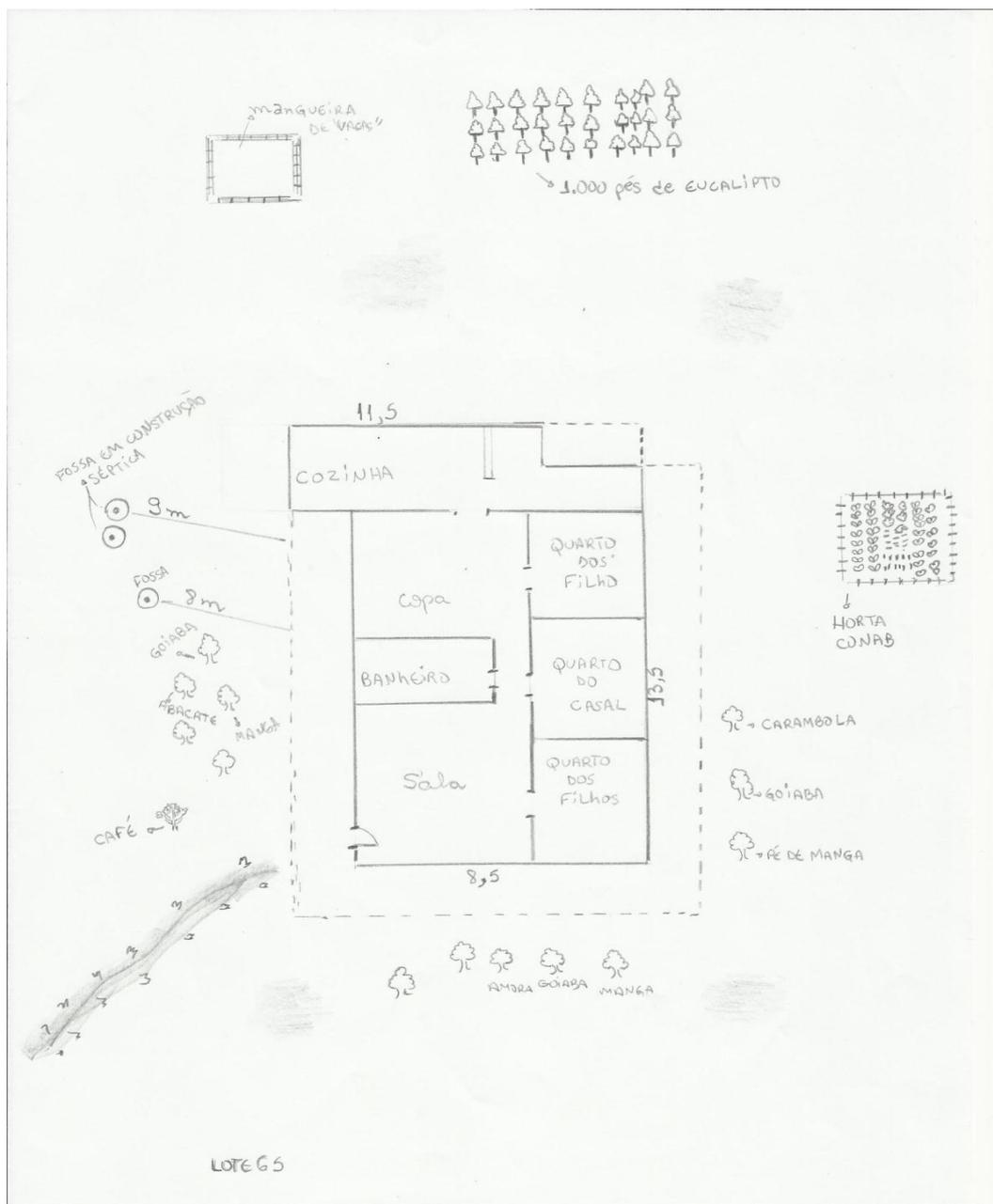
Foto 03: Moradia do Assentado



Fonte: Trabalho de campo.

Apesar das áreas avarandadas, verificamos que no terreiro há bancos de madeira debaixo de pés de árvores, destinados à sombra e também aos momentos de descontração nos dias de calor; A construção destes bancos talvez seja devido ao fato de que as varandas apresentam telhas de fibrocimento, que no verão apresentam uma temperatura mais elevada.

Croqui 03:



Fonte: Trabalho de campo.

O filho dos assentados do lote representado anteriormente, me levou ao lote representado pelo croqui 03. O motivo, segundo ele, é devido à horta deste lote ter sua produção voltada para a Conab (Companhia Nacional de Abastecimento). No lote, fomos recebidos pelo filho dos titulares, pois o casal responsável pela unidade acabara de chegar de viagem, estavam descansando e o filho ficou responsável pelas atividades durante o período de ausência dos pais.

Notamos que na horta, há espécies como alface crespa, alface lisa, couve, berinjela, salsinha e cebolinha (“cheiro verde no geral”). Notamos ainda, pés de

mamão plantados também no espaço destinado à horta. Embora não tenha sido representado no croqui havia alguns pés de eucalipto depois da cana-de-açúcar, que estava plantada num espaço posterior aos pés de mamão.

Foto 04: Horta com produção destinada a CONAB



Fonte: Trabalho de campo.

Uma característica interessante do lote é a quantidade de eucaliptos que segundo o assentado, chegava a uma quantidade de mil pés. A localização dos eucaliptos é próximo à “mangueira de vacas”. A “mangueira de vacas”, por sua vez, apresenta dimensões bem maiores que a da maioria dos lotes visitados.

Não observamos espécies consideradas como *bichos de terreiro* (galinhas, patos, porcos), todavia verificamos uma grande variedade de espécies de pés de frutas algumas delas são: amora, goiaba, manga, carambola, abacate e, seguindo a mesma organização do lote retratado anteriormente, notamos alguns pés de café no meio dos pés de fruta. Segundo a discussão teórica deste trabalho, os sítios que apresentam uma grande quantidade de pés de frutas geralmente não criam animais como galinhas etc. Tal situação deve-se ao fato de que estes animais podem danificar os pés de frutas, embora nota-se que a espécie mais vulnerável a estes animais no referido lote é o pé de mamão, devido ao seu porte.

Dentre os lotes representados, este é o que apresenta o terreiro mais arborizado contando não apenas com pés de frutas, mas também com árvores para sombra. As plantas de jardim (flores) estão distribuídas entre estas árvores no terreiro, sendo que algumas espécies de flores encontram-se em vasos dentro das áreas.

Sobre os aspectos sanitários do lote, verificamos que a fossa em funcionamento é séptica e encontra-se a 8 metros da moradia. Todavia, no momento da visita ao lote, estava em construção outra fossa séptica, localizada à 9 metros da moradia e com um sistema representado pela foto abaixo:

Foto 05: Fossa séptica em construção.



Fonte: Trabalho de campo.

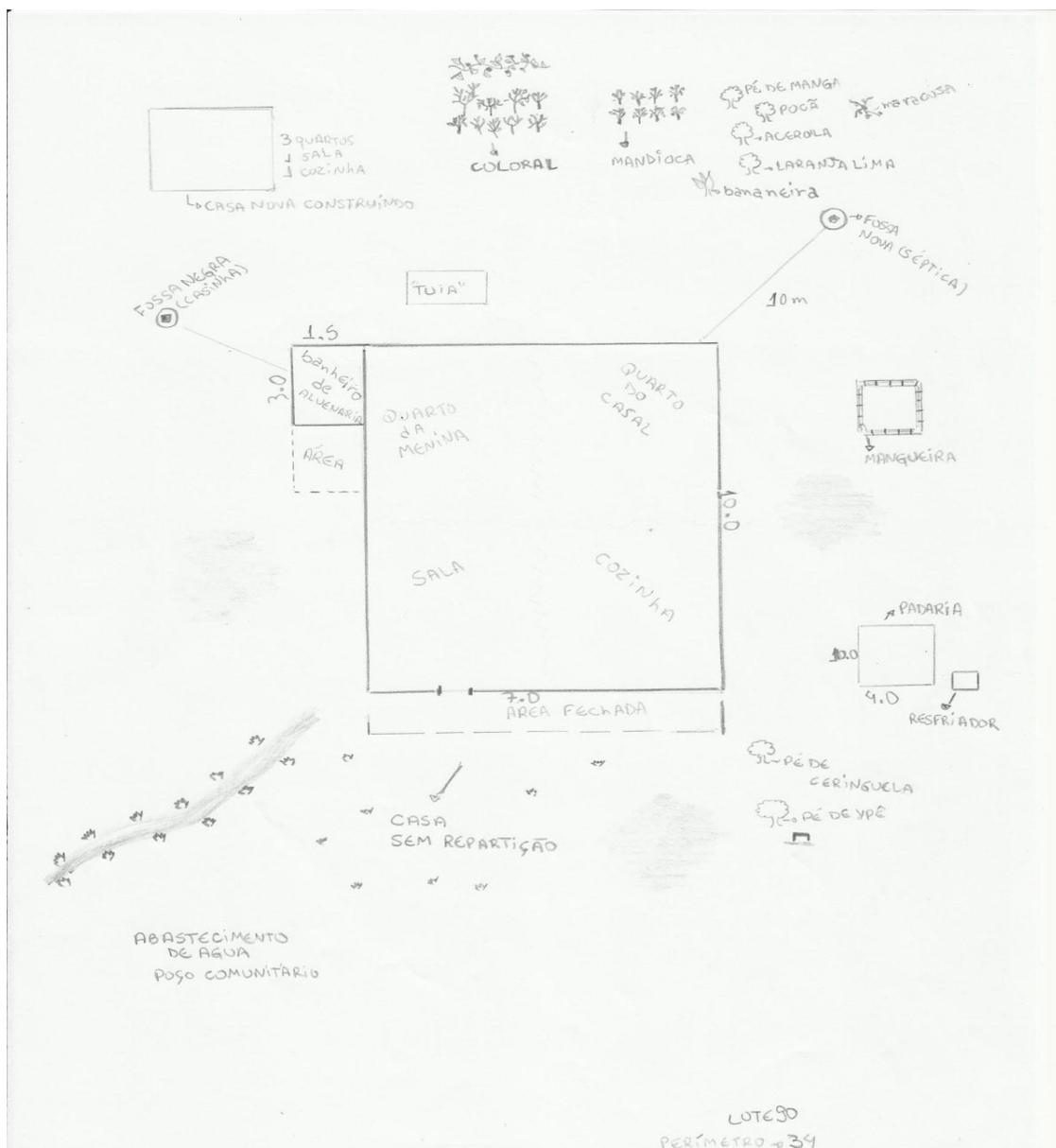
Esta fossa, assim como outras que estariam sendo construídas no assentamento, derivam de um recurso disponível pelo poder municipal. No momento da visita ao lote de uma das lideranças do assentamento, notamos que a empresa contratada para realizar o serviço contava com o lote deste para apoio e para guardar os materiais necessários para as obras. A liderança percorria todos os lotes com a equipe disponibilizada pela empresa.

O lote é o único representado pelos croquis que conta com um poço artesiano próprio para o abastecimento da produção e do espaço doméstico. Tal fato deve-se a

quantidade de atividades no lote (horta destinada à comercialização, gado em lactação, jardim e pés de frutas).

Sobre a planta da moradia, verificamos que esta conta com uma sala que aparentemente apresentava dimensões parecidas com a cozinha, banheiro, copa e três quartos, sendo que dois são dos filhos e um é do casal. Mais uma vez notamos o aspecto tradicional da organização dos cômodos sendo os quartos de um lado e as áreas comuns de outro. A residência é envolta por áreas avarandadas e a moradia apresenta 8,5 metros de comprimento da parede frontal; 13,5 de parede lateral e 11,5 de parede dos fundos.

Croqui 04:



Fonte: Trabalho de campo.

O lote representado pelo croqui 04 tem particularidades quanto à moradia, pois esta é de madeira sem repartições entre os cômodos. No momento da visita, conversamos com a titular do lote que encontrava-se, segundo ela, “num dos raros momentos” em que poderia cuidar de sua estética, pois contava com os serviços de uma manicure do assentamento.

As repartições da casa eram feitas por lençóis que dividiam a moradia em sala, cozinha, “quarto da menina” e quarto do casal. Para se utilizar o banheiro, que é de alvenaria e sem reboco, os moradores teriam de sair da moradia, pois este embora fosse contíguo a casa, contava com uma porta do lado de fora. Ou seja, não havia nenhuma porta de ligação entre o banheiro e a casa e só poderiam acessá-lo pelo lado de fora.

O perímetro da residência era de 34 metros, sendo que contava com uma garagem localizada próximo ao banheiro e com uma área fechada por uma parede que era parte de alvenaria e parte de madeira. Neste espaço, há uma pia de cozinha e também uma janela.

Foto 06: Moradia do lote



Fonte: Trabalho de campo.

Sobre as árvores frutíferas, notamos uma grande variedade, como pé de seriguela, laranja Lima, bananeira, acerola, poncã, manga e ainda maracujá. O pé de seriguela localiza-se próximo à moradia, na parte frontal do terreiro, enquanto que o

restante dos pés de frutas estão localizados na parte dos fundos, depois da tulha. Utilizado como elemento decorativo e como uma espécie que propicia sombra para o terreiro encontramos um pé de Ipê amarelo na parte frontal deste.

Próximo aos pés de frutas, verificamos a pequena plantação de mandioca, destinada apenas ao autoconsumo e também os pés de “coloral” (Urucum) que, segundo a assentada, após submeter a semente a todo um processo manual, inclusive com a adição de fubá de milho, serve para temperar carnes e macarrão.

Há algum tempo a assentada com base em orientações de alguns técnicos, resolveu construir uma padaria em seu lote. A padaria localiza-se próxima à moradia e tem uma área de 40 m², em que a assentada produz para a venda no assentamento e na cidade, quando é oportuno.

Foto 07: Padaria e local do tanque de expansão



Fonte: Trabalho de campo.

Embora seja uma atividade em que a assentada dedique muita atenção, a padaria não é o carro-chefe da família em termos econômicos. Como o próprio arranjo espacial do lote demonstra (através da “mangueira de vacas” e do tanque de expansão) este é a produção leiteira.

No que refere-se aos termos sanitários, verificamos através do croqui, que os moradores ainda utilizam a fossa negra. Mas a fossa séptica já esta sendo construída

(através dos recursos já mencionados) e esta distante 10 metros da moradia. A água utilizada no lote vem do poço comunitário, sendo utilizada tanto para a produção quanto para o espaço doméstico.

Tomei o cuidado de representar no croqui a construção da nova moradia da família que, segundo a assentada vai contar com três quartos, uma sala, cozinha e banheiro. A moradora ainda nos revelou que a nova moradia esta sendo construída aos poucos, para evitar endividamentos futuros.

Foto 08: Construção da nova moradia.



Fonte: Trabalho de campo.

Conclusão

A partir da análise dos croquis, observamos que a ordenação territorial do lote esta voltado para a principal atividade econômica do assentamento: a produção leiteira. Tal observação torna-se possível na medida em que evidenciamos na maioria das unidades territoriais a presença da “mangueira”, ou seja, do local onde ocorre a ordenha do gado em lactação. No geral, esta encontra-se na área de transição entre o terreiro e o pasto.

Dentro deste contexto, verificamos, além da presença da “mangueira”, o tanque de expansão utilizado no resfriamento do leite e também um motor de triturar a cana-de-

açúcar. Todos os elementos citados compõem unidades territoriais destinadas à produção leiteira. (Croqui 02). A cana-de-açúcar é cultivada para suprir as necessidades dos bovinos e no geral o cultivo localiza-se próximo ao terreiro com o intuito de diminuir a distância moradia – cana – triturador – local destinado à alimentação do gado. Todavia, devemos salientar que, na ausência do triturador o trabalho de picar a cana é feito manualmente.

Outro fator recorrente, verificado através dos croquis é a proximidade do pasto com a moradia, diminuindo, assim, o espaço do terreiro e ampliando a área destinada aos bovinos. Compreendemos tal organização na medida em que o tamanho do pasto é fator determinante para a produção leiteira, pois este oferece as gramíneas necessárias para a manutenção e reprodução do rebanho.

Dentro do espaço do terreiro, as árvores frutíferas permeiam o entorno das moradias sendo recorrentes os pés de manga, goiaba, carambola, amora, abacate, mamão, cajá, jaca, bananeira, mamão, laranja, siriguela, maracujá, poncã etc. Em alguns casos, como ocorre no croqui 02, uma pequena quantidade de pés de café mesclam-se às árvores frutíferas no terreiro. Os croquis nos revelam a presença do cultivo de eucalipto na maioria dos lotes. Em alguns casos, como no croqui 01, os eucaliptos estão ordenados no território de forma que substitui o papel das flores e árvores destinadas à decoração frontal da moradia, visto que os pés de eucalipto acompanham a estrada de acesso a esta. O cultivo de eucalipto é comumente encontrado nas unidades territoriais do Assentamento Nova Conquista, todavia, com uma finalidade diferente das grandes propriedades, pois são utilizados para “barrar” o vento ou para auxiliar na manutenção do lote (madeira para cercas e etc.).

O cultivo de hortas é uma constante nos lotes da reforma agrária e localizam-se nas proximidades da moradia, ou seja, no terreiro. De acordo com a revisão bibliográfica realizada neste trabalho, as hortas tem um papel importante na medida em que na maioria dos casos, são destinadas ao autoconsumo e notoriamente constituem-se numa importante fonte de alimentação de qualidade para o assentado. Todavia, nos croquis 01 e 03, evidenciamos o cultivo de hortas que não são apenas destinadas ao autoconsumo. As hortas verificadas nos croquis supracitados têm o intuito de ser comercializadas através do CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento) e

segundo levantamentos empíricos, estas hortas fazem parte de uma associação de 12 hortas com o mesmo destino. Estas existem a pouco mais de um ano.

Verificamos em determinados lotes o cultivo da mandioca (croqui 04) e do urucum (croqui 04). A pequena plantação de mandioca localiza-se próximo a da cana-de-açúcar. Ambas podem ser destinadas à alimentação dos animais, porém a mandioca serve primordialmente para o consumo do núcleo. O urucum, conhecido como “coloral” para os assentados é utilizado pela família como um tempero para carnes e massas. Encontramos tal planta entre os pés de fruta dos lotes.

A criação dos *bichos de terreiro* também é frequente, na medida em que é destinada ao autoconsumo são criados soltos nos arredores da moradia. Evidenciamos em alguns lotes a criação de “galinhas caipiras” e frangos de corte. Além das galinhas e frangos, cria-se também porcos e os “chiqueiros” encontram-se nos terreiros das unidades territoriais; Alguns lotes apresentam, ainda, criações como patos, gansos e coelhos (croqui 01).

Sobre as condições sanitárias do assentamento, verificamos que a maioria das fossas é séptica. No momento da visita ao local, encontramos uma equipe (empresa privada) contratada pelo poder municipal, realizando a construção de fossas sépticas com a distância de 10 metros da moradia. Em alguns casos, como no croqui 04, ainda notamos a utilização da fossa negra embora a fossa séptica já estivesse construída pela equipe supracitada.

O abastecimento de água dos lotes representados nos croquis é realizado por meio de dois poços comunitários que funcionam no assentamento, sendo que 5 poços também comunitários estão sem funcionamento. O valor mínimo pago pela água é de R\$ 6,00 e o valor máximo pago é de R\$ 50,00. Os valores oscilam de acordo com o consumo e a água é utilizada tanto para a moradia quanto para a produção. Esporadicamente a água recebe algum tratamento (cloro).

A moradia também é tratada nos croquis, na medida em que foram efetuadas medições do perímetro da residência principal e a identificação dos cômodos através da planta da casa. Próxima a moradia identificamos a “Tulha” ou “barracão” (croqui 04), que na maioria dos casos são as antigas residências dos assentados. Esses locais, no geral são destinados às ferramentas de trabalho (enxada, foice, etc) e ao armazenamento

de ração para os animais e de sementes para o cultivo. Os perímetros das moradias variam entre 27,8 a 47 metros, sendo que a média destes é de 36,46 metros. No geral, a planta das residências é padronizada no sentido de que os quartos localizam-se de um lado e as áreas comuns (sala, cozinha, copa) localizam-se no lado oposto.

Os fatores que imprimem a diferenciação das residências são obviamente o perímetro e o padrão construtivo. Grande parte das moradias em evidência são de alvenaria de vedação, com blocos de tijolo baiano e com reboco. A cobertura das residências divide-se em coberturas de telhas de fibrocimento que são péssimas quando pensamos em conforto térmico e as telhas de barro. Algumas casas apresentam áreas avarandadas no seu entorno (ex. lotes 85, 65, 42). Segundo os assentados estas são, utilizadas para receber as visitas em dias de alta temperatura. Outra característica das residências é a ausência de pintura (esta só foi notada na residência representada pelo croqui 01).

A residência do croqui 04 apresenta especificidades no que diz respeito à sua organização interna. É a única moradia aqui representada que não contém divisão entre os cômodos da casa e as divisões são feitas com lençóis. A moradia foi construída com madeira e partes, como o banheiro e a coluna da área, são feitas de alvenaria de vedação sem reboco. A moradora apresenta descontentamento com esta situação e atualmente está construindo uma casa de alvenaria próxima a casa em que reside. Outra característica do lote em evidência é a presença de uma padaria construída de alvenaria de vedação, com o perímetro de 28 metros, totalizando uma área de 40 m². O lote também apresenta o tanque de expansão e a “mangueira” o que demonstra sua principal atividade econômica.

Em suma, podemos evidenciar que a maioria das residências ainda estão por terminar, em parte, devido aos problemas em relação ao crédito habitação no assentamento que foi liberado a “prestadores” para alguns assentados, sendo que para outros que receberam o crédito ficaram faltando parcelas. As análises propiciaram um panorama em relação as atuais condições de vida dos agricultores, marcadas pela transição de moradias realizadas através da autoconstrução e com materiais como lona e madeira para casas de alvenaria.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C.R. **O Afeto da Terra**. Campinas, SP, UNICAMP, 1999.

BROSLER, T. M; BERGAMASCO, S.M.P.P. Construções tradicionais resguardadas no meio rural: um estudo em um assentamento de reforma agrária. In: **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, v.16, Uniara/Nupedor, p.181-198, 2013.

BOMBARDI, Larissa Mies. **O bairro Reforma Agrária e o processo de territorialização camponesa**. Annablume, São Paulo, 2004. 396p.

LEITE, J.F .**A Ocupação do Pontal do Paranapanema**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1999.

FERNANDES, B.M. (coord). **Relatório do Projeto de Extensão. Plano de Desenvolvimento Sustentável do Assentamento Nova Conquista – SP**. Convênio INCRA/UNESP. São Paulo, 1999, 193p.

GARCIA JUNIOR, A.R. **Terra de trabalho: trabalho familiar de pequenos produtores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 236p.

FUNDAÇÃO ITESP/UNIARA. **Da terra nua ao prato cheio: produção para consumo familiar nos assentamentos rurais do Estado de São Paulo**. (Org) SANTOS,I.P; FERRANTE, V.L.S.B. Araraquara, 2003.

HEREDIA, B.M.A. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 164p.

REBOUÇAS, L.M. **O planejado e o vivido – O reassentamento de famílias ribeirinhas no Pontal do Paranapanema – SP**. Annablume: Fapesp, 2000. 194p.